

MACHADO DE ASSIS E A PAISAGEM FLUMINENSE: "O AMBIENTE INDISPENSÁVEL"

Valdeci Rezende Borges

*"... da paisagem (...) se servirá para criar
aos seus personagens e aos seus feitos
o ambiente indispensável, porque
sendo entes vivos não podem viver sem ele."*

Um irmão de Brás Cubas, José Vertíssimo

As formas de expressão artística, dentre elas a literária, ao produzir imagens sobre um dado ambiente físico, social e cultural, por via da narrativa e da representação, têm sido usadas, pelos historiadores da cultura, como registros documentais para seus estudos. Num viés interdisciplinar, são de grande valor para a produção do conhecimento histórico, pois combinam o olhar do escritor sobre a realidade e suas dimensões, objetiva e subjetiva, com a memória individual e coletiva, constituindo um dos "lugares da memória" social, no sentido dado por Pierre Nora¹.

Assim, meu objetivo é tratar das experiências culturais dos fluminenses da segunda metade do século XIX, marcadas pelo mar e outros aspectos físicos e naturais, recorrendo à obra de Machado de Assis como fonte documental básica. Enfoco as representações históricas construídas sobre as relações entre os indivíduos e os aspectos da paisagem urbana com que deparavam. A partir dessas imagens, busco, ainda, refutar as acusações feitas a Machado de ser "pouco brasileiro", pois desinteressado de nossa paisagem e cultura.

Abordo alguns elementos que constituíam o processo de interação entre os homens e o ambiente e compunham o imaginário coletivo carioca, permeado por alusões aos espaços da cidade, à natureza, às maneiras de usá-los e deles apropriar-se, dando-lhes significados. Destaco, primeiramente, as imagens sobre a transformação espacial da cidade e, num segundo momento, a novidade do afluxo de banhistas às praias e sua influência na estética das artes plásticas, na edificação de moradias, nas formas lúdicas e de amar.

Imagens da cidade em mudança

Lendo os textos machadianos, espaços de memória e história, fica patente a implementação de um amplo movimento "civilizatório", em decorrência do qual o Rio se europeizava, deixando para trás sua paisagem colonial. Esse processo de mudança, fruto

1. Pierre Nora, "Entre memória e história: A problemática dos lugares", *Projeto história*, n. 10, São Paulo, PUC, dez., 1993, pp. 7-28.



de diversas intervenções na sociedade, foi perpassado pelas homólogas noções de progresso, modernização e civilização – saneamento e embelezamento, que redimensionaram e reordenaram a paisagem da cidade, ao higienizá-la, aformoseá-la e regulamentá-la, instaurando, no cotidiano, novas temporalidade, espacialidade e sociabilidade.

Inicialmente, a paisagem urbana era representada como sendo de uma cidade dos tempos coloniais, tomada por descampados rústicos repletos de lavadeiras ao redor dos chafarizes, animais soltos, muitos deles mortos, a apodrecer, e de detritos domésticos despejados em largos e praias. Além disso, não raro foi considerada um espaço caótico, “depósito de pestes”, devido à sujeira, à fetidez, à precariedade dos serviços básicos de infra-estrutura, às áreas pantanosas e aos montes que impediam a circulação do ar. Era tida também como um “reinado de ratoneiros”, de marginalidade e de violência. Com o aumento da população, aumentavam os crimes, o alcoolismo, a mendicância, os loucos pelas ruas, os menores enfeitados e a prostituição, ao lado da ineficiência e da precariedade da segurança pública. Assim, a cidade de feições “coloniais” tornava-se “ruidosa”, “agitada”, “moderna” e via seus espaços públicos serem tomados pela “multidão”, por novos ritmos, personagens e sensações².

Nesse contexto, por um lado, iniciou-se um processo de reurbanização do arcaico espaço citadino de ruelas estreitas, sujas, sombrias e tortuosas, que alterou sua paisagem. Incrementaram-se formas de intervenção socioespaciais, consideradas “melhoramentos progressistas” – calçamento de ruas, instalação de serviços de limpeza pública, de iluminação a gás, de encanamento d’água e de esgotos.

Por outro lado, institucionalizou-se a marginalidade, enclausurada pelo próprio crescimento. Recolheram-se os contraventores em cadeias; criou-se o serviço de guardas-noturnos; organizaram-se associações assistenciais e de caridade, “compostas de senhoras”; construiu-se um hospício para alienar os doentes mentais; instituiu-se o asilo para os mendigos, buscando torná-los produtivos; manteve-se casa para menores enfeitados, como a da “roda dos expostos”; impuseram-se regulamentações para o trânsito de veículos e para o meretrício, que sofreu várias assertivas³.

No movimento de “aformoseamento da cidade”, pautado nas capitais européias, sobretudo Paris – a “capital do mundo” –, acreditava-se caminhar rumo a “galas novas”, fazendo “progressos rápidos”. Nesse processo, a paisagem da cidade sofreu intervenções bruscas. Mudaram-se nomes de ruas e alargaram-nas, derrubando, na área central, casas velhas e cortiços que serviam de moradias populares, expulsando-se o povo pobre para os morros e favelas; ergueram-se estátuas de bronze – “pirâmides da época civilizada”; criaram-se bulevares e inúmeros jardins ou remodelaram-se, em estilo britânico, os existentes, dentre os quais o Passeio Público e o Parque da Aclamação, “construção de *gentleman*”, buscando recriar a natureza com grutas, rega-

2. Joaquim Maria Machado de Assis, *Crônicas*, vol. 1, *Obras Completas* (O. C.), São Paulo, W. M. Jackson, 1959, pp. 208–209; vol. 2, p. 7; vol. 4, O. C., pp. 42, 131, 374–375; *A Semana*, vol. 1, pp. 42, 131, 166; vol. 3, O. C., pp. 14, 180, 185–186.

3. *Idem*, *Crônicas de Lélis*, p. 133; *A Semana*, vol. 1, O. C., p. 283; *Papéis Avulsos*, O. C., p. 12; *Relíquias da casa velha*, vol. 1, O. C., p. 18.



tos e cascatas. Mandou-se, ainda, pôr “fora do olho da rua” e das calçadas, mediante posturas municipais, “uma porção de negócios” como crioulas quitandeiras, tabuleiros variados, turcas vendedoras de bugigangas, engraxates e os quiosques, pois “davam certa feição de grande cidade levantina”, quando a intenção era ocidentalizar, eliminando os traços orientais⁴.

Nessa modernização, ou afrancesamento, fruto da inserção compulsória da tropical Rio de Janeiro na *belle époque*, a cidade foi invadida pelas novidades do mundo da técnica – o gás na iluminação pública, o vapor nos transatlânticos, a eletricidade, a fotografia, o telégrafo, o fonógrafo, o kinetoscópio, o bonde e a locomotiva –, que não só vieram alterar sua vida material e seus ritmos, como redesenhar totalmente seu território, sua paisagem, sua temporalidade e os sentidos e hábitos de seus habitantes. Assim, foram se remodelando o espaço urbano, a sociedade, sua cultura e sua paisagem colonial⁵.

Imagens da cidade em torno do mar

Dentre as novidades que passaram a constituir o imaginário coletivo carioca nas suas formas de interação com o ambiente natural, destaco as experiências concernentes aos contatos com o mar. Gastão Cruls enfatiza que, no Brasil, os banhos de mar tiveram, nos membros da recém-chegada família real, o seu primado inicial; e, segundo Corbin, que analisa esse hábito na Europa, lá também foram “as próprias famílias reais que determinaram a criação ou a voga das estações”, além de terem sido elas que “provocaram o efeito de ‘moda’”⁶.

À água do mar e aos banhos frios, o discurso médico oitocentista atribuiu importância terapêutica e, na busca de moralizar essa prática, algumas regras e normas foram estabelecidas, como horários para os banhos, sua duração, trajas, estação etc. Observando a vivência da beira-mar em Machado, podemos dizer que o horário usual dos banhos era bem de manhãzinha, antes do sol nascer. Muita gente acordava às quatro ou cinco horas da manhã a fim de se preparar para ir aos banhos. Mas, por volta das sete horas, quando o sol estava alto, toda a movimentada multidão tinha ido embora⁷. A primavera e o verão eram as estações ideais para os banhos nas praias – Botafogo, Flamengo, Gamboa, Formosa, Lázarus, São Cristóvão, Santa Luzia no Boqueirão e Flechas em São Domingos, entre outras. Porém, havia a preferência pela Praia do Flamengo. Copacabana era ainda um “areal intérmino”, longínquo e de difícil acesso.

4. *Idem*, *Crônicas*, vol. 1, O. C., pp. 152, 195, 208, 212; *Crônicas*, vol. 2, O. C., pp. 124, 157; *A Semana*, vol. 1, p. 18, 46, 160, 206-208, 219, 275-276, 356-357; vol. 2, O. C., pp. 346-7, 351; *Várias Histórias*, O. C., p. 209; *Páginas Recolhidas*, O. C., p. 44.

5. *Idem*, *Crônicas*, vol. 3, O. C., p. 184; Machado de Assis, *A Semana*, vol. 1, O. C., pp. 148, 150-151, 165, 348-350.

6. Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1965, p. 363; Alain Corbin, *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*, São Paulo, Cia. das Letras, 1989, p. 287.

7. Machado de Assis, *Contos sem data*, O. C., p. 106; *Histórias românticas*, O. C., p. 11.



O desenvolvimento do transporte coletivo de passageiros, principalmente os bondes, facilitou o espriar da cidade e o acesso das gentes citadinas a novas paisagens, às praias, como banhistas ou como moradores das áreas mais afastadas – Botafogo ou Flamengo –, que tinham lugar de relevo nessa prática social. No entanto, se a moda do banho terapêutico permeava as práticas das classes abastadas, num banho popular, dominava, muitas vezes, o oposto à sua rigorosa normalização. Dava-se já com o sol alto ou nas noites de luar, sendo mais espontâneos e rompendo com os ditames médicos. Além disso, mesmo entre os ociosos, se as prescrições dos banhos ocorriam por suas capacidades terapêuticas, nem todos recorriam a eles por essa razão; “a maioria das senhoras que se banhavam o faziam por moda ou por bom-tom”, mostrando-nos um deslocamento do terapêutico para outras formas de coerção cultural⁸.

Mas se, por um lado, a família exteriorizava-se na praia, por outro, intervinha na sua paisagem quando buscava construir também ali alguma privacidade e garantir certa intimidade ao preservar-se da violação indiscreta dos olhares públicos pelos trajés e barracas de banhos que trazia⁹. Com relação aos trajés de banho, vemos as mulheres vestidas de camisa ou túnica de flanela, calça, sapatos de corda e coifa na cabeça. Suas roupas, de tecido escuro, evitavam a transparência das cores claras¹⁰. O traje dos homens compunha-se de calça e camiseta – “camisa de meia”, de mangas curtas e gola cavada, geralmente listrada. O uso só da calça era considerado “impróprio”, ofendendo o regulamento da polícia, que exigia que os “cavalheiros” se vestissem “decentemente”¹¹.

Nos banhos, a necessidade dos serviços de um “banhista auxiliar” foi patente. Eram uma companhia que ajudava a aliviar os perigos oferecidos pelas águas violentas do mar. Podia ser um “moleque” da casa (escravo adolescente) ou alguém de confiança da família. Desse modo, não era só o banho em si que atraía os indivíduos à praia. Ver os banhistas tornou-se um espetáculo bastante apreciado, criando atentos espectadores. Olhar os banhistas constituía um passatempo dos homens na praia, que poderiam ser “maridos, pais, irmãos, que não tomavam banho”, ficando ainda a conversar, a ler ou a olhar o ar¹².

Nesse espaço de lazer, também aconteciam os passeios, nos quais simplesmente andar constituía uma prática importante, além ainda da experiência da equitação, o esporte preferido dos abastados, que tinham o hábito de passear a cavalo praia afora¹³. Assim, na segunda metade do século XIX as atividades físicas foram conquistando espaço e simpatia; o banho de mar foi inscrito no processo dessas práticas tonificantes, e a praia tida como lugar salubre.

8. *Idem, Histórias românticas, O. C.*, p. 12.

9. *Idem, Contos sem data, O. C.*, pp. 105–106; *Histórias românticas, O. C.*, p. 11.

10. *Idem, Contos sem data, O. C.*, pp. 106, 108; *Histórias românticas, O. C.*, p. 11.

11. *Idem, Contos sem data, O. C.*, p. 108–109.

12. *Idem, Histórias românticas, O. C.*, pp. 12–13; *Contos sem data*, p. 107.

13. *Idem, Esaú e Jacó, O. C.*, pp. 113, 141; *Dom Casmurro, O. C.*, p. 367; *Memorial de Aires, O. C.*, p. 265.



Na nova paisagem da praia, as representações da mulher foram marcadas por adjetivações como assustadas, receosas, temerosas e recatadas, além de possuírem uma forte carga erótica, possivelmente decorrente da influência do código do pudor e dos tabus contra a nudez. Com relação à figura masculina, coube a exaltação de sua virilidade. Lançava-se com coragem à água revolta, para salvar, geralmente, uma banhista que se afogava, sendo associado ao ginasta dinâmico, que nadava bem, tinha pulmões, peito e braços fortes. Essa imagem desenvolveu-se ao lado do novo gosto pelos esportes e acabou tomando o lugar daquela do dândi como padrão de beleza¹⁴.

Porém, o corpo exposto na praia, se desnudado das adjetivações que o revestiam, revelaria o inconsciente coletivo carioca que, não raro, olhava-o negativamente. Frente ao pudor do século e à exposição pública em trajos restritos, requereu-se sua remissão, que aconteceu com a valorização da destreza, da leveza, da graça e da habilidade quando em exercício, como a natação¹⁵. O novo hábito do banho de mar trouxe grande ambigüidade, visto que a figura, sobretudo da banhista, mostrava “ao pé do mar, o que numa sala” escondia¹⁶. Assim, o banho de mar, “à meia luz da manhã nascente”, funcionava ainda como forma de vetar uma exposição maior do corpo à curiosidade pública. Podemos lembrar da adequação e pertinência desse horário para a manutenção do conceito estético, que valorizava a pele alva e não a queimada pelo sol. O ideal de beleza, sobretudo para as mulheres, era ter pele “cor de leite”.

Ao mesmo tempo, e contribuindo como indicativo do gosto crescente pela beira-mar, temos, no campo da criação artística, o desenvolvimento de uma estética marcada por uma sensibilidade à marinha. Essa não se deu só na literatura, mas nas artes visuais, especialmente na pintura e fotografia. A própria produção literária remete a quadros pintados com paisagens e motivos marinhos, nos quais aparecia, por exemplo, um pedaço de praia “com a serra ao longe, a entrada da barra, alguma das ilhas, uma lancha etc.”¹⁷

Indicando ainda o gosto pela beleza do mar e de seus arredores, podemos mencionar sua influência na edificação de moradias. Nessa perspectiva, percebe-se uma grande incidência de casas construídas na orla, com vista para o mar, seja na praia de Botafogo, da qual se via “a vaga a bater molemente na praia”, seja no Flamengo e na Glória, de onde, na janela de algum palacete, era possível ficar a contemplar “as ondas que vinham morrer defronte e, ao longe, as que se levantavam e desfaziam à entrada da barra”¹⁸.

14. *Idem*, *Contos sem data*, O. C., pp. 106, 108–110; *Histórias românticas*, O. C., pp. 13–14; *Quincas Borba*, O. C., p. 140; *Dom Casmurro*, O. C., p. 371.

15. *Idem*, *Dom Casmurro*, O. C., p. 371, 378; *Contos sem data*, O. C., pp. 107, 124.

16. *Idem*, *Crônicas*, vol. 4, O. C., p. 398; *Crônicas de Lúcio*, p. 25.

17. *Idem*, *Memorial de Aires*, O. C., p. 182, 189.

18. *Idem*, *A mão e a luva*, O. C., p. 32; *Dom Casmurro*, O. C., p. 368; *Quincas Borba*, O. C., p. 7, 157, 377.



A atração pela paisagem e pelas galas da baía facilitou o espriar da cidade e concorreu com a crença vigente de que os lugares elevados, a exemplo dos bairros de Santa Teresa e Tijuca, fossem mais salubres do que o velho centro da cidade, onde moravam tradicionalmente os abastados. Residir na orla, seja no Flamengo ou em Botafogo, assinalava a posição social do indivíduo e tinha a justificativa de ser salutar, pautada no argumento de que os morros eram também “doentios, e as praias, saudáveis”, pois possuíam o ar purificado pelos raios do sol, influía no físico, na mente e restabelecia a harmonia da alma¹⁹.

No entanto, se as classes ricas inauguraram e implementaram a ocupação de novos espaços, – bairros finos, na zona sul da baía, rumo a Botafogo, com casas suntuosas, voltadas para o mar –, caminhando em sentido contrário, do Largo da Prainha (Praça Mauá) a São Cristóvão, passando pela Saúde, Gamboa, Saco do Alferes e Praia Formosa, a realidade era outra. Ali habitavam as classes populares, em casas precárias, construídas, em outros tempos, do lado do mar²⁰. Mas, do outro lado, vemos ainda que, à beira-mar, em zona valorizada, a família carioca era convidada a se divertir e ter “uma tarde deliciosa a passar”, como espectadora da novidade que eram as regatas, “à maneira inglesa”. Na praia de Botafogo, “a festa” era “completa”, pois os escales deviam “correr próximos à praia, para que todos os pudessem ver”²¹.

A praia era, além disso, um bom lugar para fugir das obrigações e brincar. Era espaço especial para crianças que faltavam às aulas, pois aí encontravam companhia. Para apreciar o mar, outros subiam pelas colinas que compunham o acidentado relevo fluminense. Nas Paineiras, podia-se almoçar “acima da cidade e do mar”, e a essa altura, chegar ao Corcovado não era difícil, sendo para a Corte um passeio atraente. Dali, gozava-se de “uma vista magnífica”, assim como da alta Santa Teresa, de onde se viam a cidade e o mar, constituindo-se uma paisagem que era um “espetáculo”²².

Outros, porém, que gostavam de olhar o mar mais de perto, encontravam, no terraço do Passeio Público, o primeiro parque da cidade, um lugar por excelência para apreciá-lo. Assim o faziam, costumeira e cotidianamente, as gentes que por ali passavam ou as que lá iam justamente com esse fim. Desse lugar era possível ver “o mar crespo” e ouvir as ondas que batiam e recuavam. Muita gente ali namorava, espirecia, ouvia música ou ficava sentada, “olhando à toa, lendo gazetas ou cochilando”, enquanto outros ficavam a mendigar, pedindo uma “esmolinha”²³.

O cais não aparece entre os lugares e as paisagens de visitas voluntárias, de passeio e de apreciação da beira-mar. Era território do comércio marítimo, de carga e descarga

19. *Idem*, p. 157.

20. *Idem*, pp. 182–183.

21. *Idem*, *Crônicas*, vol. 1, O. C., p. 58; *Crônicas*, vol. 4., O. C., p. 159.

22. *Idem*, *Memorial de Aires*, O. C., p. 200; *Histórias românticas*, O. C., p. 278; *A Semana*, vol. 2, O. C., p. 11; *Iaiá Garcia*, O. C., p. 221.

23. *Idem*, *Dom Casmurro*, O. C., p. 342; *Esau e Jacó*, O. C., pp. 241–242; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, O. C., pp. 189, 191.



de mercadorias, de trabalho, de operários e ganhadores e de embarque de viajantes. No Cais Pharoux, encontravam-se aqueles que chegavam ou partiam e os que os vinham receber ou despedir-se. Dali embarcava-se para a Europa e muitos o faziam em lua-de-mel, outros, sobretudo filhos, enviados com a finalidade de completar seus estudos e tornarem-se médicos ou bacharéis em direito. Mesmo os viajantes com destino ao norte e sul do país, ou do continente, ou que chegavam, ali embarcavam em lanchas e botes, pois os navios atracavam e zarpavam longe do cais²⁴.

Machado nos mostra a diversidade, o movimento, o ritmo e as sensações do espetáculo social que era um embarque. Era cena que enchia a “alma” com os “rumores de bordo”, com aquela

lufa-lufa das gentes que entravam e saíam, nacionais, estrangeiros, estes de várias castas, franceses, ingleses, alemães, argentinos, italianos, uma confusão de línguas, um cafarnaum de chapéus, de malas, cordoalha, sofás, binóculos a tiracolo, homens que desciam ou subiam por escadas para dentro do navio, mulheres chorosas, outras curiosas, outras cheias de riso.²⁵

No entanto, os embarques nem sempre levavam gente para viver experiências mais ou menos agradáveis, como passeio, trabalho, estudos ou para jovens solteiros esquecerem paixões e seduções consideradas espúrias e perigosas pelos pais. Ademais, o embarque, a barca e sua popa ou a proa, o mar e o meio da baía, eram cena e palco de experiências dos suicidas, como podemos observar em Machado. Segundo A. Corbin, “o mar/túmulos alimenta a fantasia de regressão”, estando associado à mãe, na psicanálise junguiana. A absorção pelas águas seria o retorno às origens, ao ventre²⁶.

O mesmo mar era ainda uma válvula de escape de matrimônios frustrados. Pelo mar, esposas e esposos fugiam de seus parceiros, de relações falidas ou indesejadas, para viver outras experiências – um “amor culpado”²⁷. Portanto, o mar nem sempre era o fim de amores adversos e ilícitos. Ele também os produzia e os acolhia em seu leito, talvez por ser espaço esvaziado das costumeiras coerções impostas pelas instituições sociais e suas estratégias de vigia. O mar acolhia “bem” os amantes, e a própria baía, com sua paisagem, o “movimento de lanchas, de aves e o céu luminoso”, produzia e acobertava momentos de paixão, encantamento e traição. Em barcas, sobre o mar, projetos foram talhados e traições implementadas²⁸.

Independentemente dos que ali tinham um fim trágico, a beira-mar era um espaço de entretenimento da moderna família carioca. Em um “território vazio”,

24. *Idem*, *Memorial de Aires*, O. C., p. 274; *Quincas Borba*, O. C., pp. 266–268; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, O. C., pp. 81–82.

25. *Idem*, *Quincas Borba*, O. C., p. 269.

26. *Idem*, *Contos fluminenses*, vol. 2, O. C., p. 254; Alain Corbin, *op. cit.*, p. 180.

27. *Idem*, *Contos fluminenses*, vol. 2, O. C., p. 53; *Papéis avulsos*, O. C., p. 157.

28. *Idem*, *Relíquias de casa velha*, vol. 1, O. C., pp. 81–82; *Contos fluminenses*, vol. 2, O. C., pp. 254–257; *Memorial de Aires*, O. C., p. 5.



construiu-se uma nova e rica economia de usos, atitudes, sentimentos, emoções e sensações, justificadas pelo álbi terapêutico, que, aos poucos, foi rompido pela moda, pelo bom-tom e pela dimensão lúdica. A paisagem da praia configurou-se como uma espécie de salão à beira-mar, onde encontros permeados pela conversação se davam. Tornou-se espaço de vasta sociabilidade, em que novas relações se travavam, inclusive em decorrência de “desastres” como os afogamentos e salvamentos, que podiam até resultar em casamentos²⁹.

Dessa forma, por meio dessas representações, suportes da memória social, podemos contestar alguns críticos superficiais, que acusaram Machado de ser “pouco brasileiro”, desinteressado da nossa paisagem. Certamente, a natureza, em sua obra, não é aquela decantada com palmeiras, sabiás, rios e cascatas, flora e fauna exuberantes, encantadores e maravilhosos. Machado não a representou com o entusiasmo esperado, porque acreditava que havia “outras cousas que ver”, que não apenas céu, montanhas, matas e rios. Era-lhe mais importante “o homem e as suas obras”; não que não visse a natureza: via-a, mas não a valorizava por si mesma, pois a “idéia da ação humana” era-lhe essencial. A paisagem, como nos lembra José Veríssimo, era apenas o “ambiente indispensável” aos seus personagens³⁰.



29. *Idem*, *Contos sem data*, O. C., pp. 105–125; *Contos fluminenses*, vol. 2, O. C., p. 123.

30. A esse respeito, ver José Guilherme Merquior, *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1979, p. 185; Machado de Assis, *A Semana*, vol. 1, O. C., pp. 358–360; José Veríssimo, *Estudos de literatura brasileira*, 3a série, Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1977, p. 29.